

“NÓS TAMBÉM QUEREMOS SER
ESCANDALOSAMENTE FELIZES”
A VIDA COMO VOCAÇÃO

Notas da intervenção de Julián Carrón
na Jornada de início de ano dos colegiais de CL
Milão, 6 de outubro de 2012

Cantos: I cieli / Cuando de mi Patrona / O meu rosto

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar cumprimento todos os presentes e a todos os que estão assistindo via satélite em toda a Itália, e agradeço, em nome de todos, ao nosso amigo Julián que também este ano quis nos acompanhar de forma tão especial neste início. Chegaram muitas contribuições para esta jornada, sinal da expectativa com que estamos aqui e com que começamos o ano letivo. Comoveu-me a profundidade da exigência de significado que revelam, exigência suscitada pela realidade e por uma seriedade e sinceridade no se colocarem pessoalmente diante dela. Esta profundidade de exigência se manifesta diante dos fatos dramáticos que o Mistério não nos poupa, como a morte ou a doença grave de uma pessoa querida, mas também, eu diria sobretudo – muitos de vocês o sublinharam –, na abordagem do cotidiano, perante a retomada da rotina da escola, com a fadiga em relação ao estudo, a determinadas relações, a um modo de vida em que não parece haver possibilidade de verificar até o fundo o encontro que fizemos, a experiência de bem que vislumbramos. O cotidiano coloca a questão do “para sempre”, da verificação do encontro que fizemos, coloca a exigência de que a intuição do bem experimentado em certas ocasiões como o Tríduo Pascal (e muitos de vocês falaram dele como um acontecimento decisivo para a descoberta da sua própria humanidade e d’Aquele que responde!), durante as férias ou em certos momentos em que se vive a consciência – a que você Julián nos chamou a atenção no ano passado – de que a vida é um dom e, portanto, é positiva. O cotidiano, enfim, coloca a exigência de que essa intuição de bem possa ser experimentada dentro de todas as circunstâncias que somos chamados a viver. Então eu me lembrei – como também alguns de vocês nas contribuições – do que nos escreveu nos Exercícios Espirituais da Páscoa:

“Agora sentem vibrar como nunca sentiram todo o desejo de felicidade que os constitui. A ponto de vocês mesmos ficarem espantados. ‘Natureza humana, como podes, sendo frágil em tudo e vil, se pó e sombra és, tão alto sentir?’, dizia Leopardi admirado. É tão grande a exigência do nosso coração que por vezes chegamos a ficar desconcertados. Nada nos dá paz. Nada parece estar à altura dos nossos desejos. Quanta ternura precisamos ter por nós próprios para não desertarmos o nosso próprio coração! Aquele que não desiste, mais cedo ou mais tarde compreenderá por que valia a pena: para descobrir o fascínio de Cristo. Espero encontrar entre vocês sempre mais amigos que, assim como o décimo leproso, não se contentam com nada menos do que a Sua presença, a Sua amizade. Seu companheiro de destino”.

Então nos parece decisivo compreender o caminho que é preciso percorrer pessoalmente para ficarmos à altura do nosso desejo, onde devem se apoiar a nossa liberdade e a nossa razão, de maneira que a vida se cumpra dentro de todas as circunstâncias nas quais somos chamados a viver. E por isso te perguntamos: o que é essa ternura por nós mesmos, necessária para não desertar do nosso próprio coração? Que caminho é preciso percorrer para ter uma verdadeira afeição por si mesmo que impeça que, no quotidiano, nos contentemos com tantos ‘falsos infinitos’ em que inevitavelmente reincidimos (como nos recordou o Papa na mensagem ao Meeting)?

JULIÁN CARRÓN

Olá a todos! Estou contente por poder partilhar com vocês este início de ano, porque o início nos coloca de novo diante das coisas decisivas da vida. Por isso começamos imediatamente com a pergunta que me fizeram: o que é esta afeição por si mesmo? É o primeiro ponto da minha intervenção.

1. O que é esta afeição por si mesmo?

A ternura, a afeição por si mesmo é um apego cheio de estima e compaixão, cheio de piedade por si próprio. É como ter por si mesmo – diz Dom Giussani – um pouco daquela dedicação que a sua mãe tinha em relação a você, sobretudo quando era pequeno. Porque esta afeição, esta capacidade de se levar a sério a si mesmo, de abraçar-se a si mesmo... imaginemos a ternura com que uma mãe pega no colo a sua criança, toda comovida por aquela criança existir, consciente de todo o desejo de felicidade que irá se desencadear naquela criança pelo destino grande a que é chamada.

Se não houver em nós um pouco desta ternura, desta afeição por nós mesmos, é como se faltasse o terreno para se construir. Por isso entendo que me perguntem o que é esta ternura, é aquilo que este canto – não sei se repararam quando cantamos *Cuando de me Patrona* – diz também: quando se encontra diante do olhar de Nossa Senhora, a pessoa desejaria se olhar com os Seus olhos, de tal maneira o deseja e de tal maneira, por vezes, não é capaz de abraçar-se a si mesma e de ter esta ternura por si mesma. Que caminho é preciso para ter esta afeição a si mesmo! Todos sabemos que não é imediato, nós bem sabemos, tanto assim que, com frequência, em vez de sermos meigos somos violentos, duros, ferozes com nós próprios. Por isso, a ternura é tudo menos óbvia. Basta cada um de vocês pensar quando olhou para si mesmo com um pouco desta ternura, e quantas vezes, pelo contrário, olhamos para nós mesmos com essa dureza, com essa severidade, com essa falta de piedade que torna quase insuportável olhar para nós próprios.

Portanto, vamos nos ajudar a descobrir como surge esta ternura, observando aquilo que Dom Giussani descreveu admiravelmente: “Na história psicológica de uma pessoa a fonte da capacidade afetiva é acolher e reconhecer uma pessoa que está na sua frente” (cf. L. Giussani, “Chegou o tempo da pessoa”, L. Cioni (org), *Litterae Communionis CL*, n. 1/1977, p. 12). Pensemos, como dizia, na criança com sua mãe: a fonte afetiva, aquilo que faz surgir na criança toda a sua afeição, é a presença da mãe; a sua capacidade afetiva emerge respondendo ao sorriso, aos cuidados da mãe, ao amor da mãe, à presença da mãe. Para o acríanja esta presença é tão decisiva que, se faltar, a fonte afetiva seca, não é algo que a criança dê a si mesma, não é que a criança possa, aos poucos, dar a si mesma esta capacidade de afeição. Isso se vê bem: a primeira pessoa a quem se liga não é a ela própria, mas à sua mãe; toda a fonte afetiva brota diante dessa presença boa e positiva que, olhando para ela com aquela ternura de que ela não é capaz, lhe faz surgir nela uma capacidade de afeição à mãe.

O Mistério – amigos – para nos fazer compreender as coisas não as explica; não dá à criança uma lição sobre o que é a afeição, mas a faz acontecer. A criança vive primeiro, vive antes essa afeição, sente a afeição que a mãe tem, vê como começa a ligar-se à mãe e pouco a pouco compreende. Mas, a certa altura – todos sabemos isso –, este sinal natural que é a mãe já não basta, e não porque a mãe se tenha aborrecido conosco ou porque o pai não esteja lá, não, continuam todos ali como antes, mas é como se tudo o que antes bastava, em dado momento deixa de bastar. Por quê? Se não vemos o que acontece em nós, nós não entendemos, não podemos entender o que acontece numa determinada idade na nossa vida. Por que nos deixa de bastar? Porque cada um de nós evoluiu para a juventude; e qual é o sinal de que há esta evolução? Dom Giussani diz (e quantas vezes podem observar e reconhecer isto na nossa experiência) que ficamos

confusos e sentimos uma ausência de afeição como se aquela afeição não bastasse e nos sentimos desorientados, alterados (cf. L. Giussani, “Chegou o tempo da pessoa”, op.cit., p. 12).

E dizemos: “Mas se todos os fatores são os mesmos de antes, se a mãe está ali, e o pai está ali, e não mudaram o seu comportamento em relação a mim, por que agora me sinto confuso, desorientado, alterado e já nada vai bem?”. Esta é a experiência que temos de procurar compreender porque, do contrário, começamos a nos confundir, como diz Anna: “Ultimamente me acontece muitas vezes sentir como que uma desproporção em relação a todas as coisas que faço. Sempre que faço alguma coisa que eventualmente me agrada, jogar basquete, sair com os amigos, etc., sinto que no fundo não me satisfaz, não me basta, e aí entro em um turbilhão de ocupações, que no entanto não fazem senão aumentar este grito. Queria pedir uma ajuda para julgar justamente isso, a como encarar isso”.

Se não compreendemos o que aconteceu em determinado momento na nossa vida, de que, a certo ponto, aquilo que aconteceu com o pai e a mãe deixa de bastar, então o que fazemos? Como o pai e a mãe já não nos bastam, substituímos os pais pelos amigos, e depois pela namorada ou o namorado, e depois por outras coisas, mas o esquema não muda. Por que não muda? Porque no fundo não chegamos a entender que isso não basta e que, quando se troca a mãe por outra coisa, se reproduz o mesmo problema; e mesmo quando as coisas me agradam, a certa altura não me bastam mais, e então repetimos com as coisas a mesmíssima experiência que fizemos com a mãe. E como é que normalmente tentamos sair desta situação? Mergulhando num turbilhão de ocupações: “O que tenho que fazer?” Começa a corrida para ver o que fazer. E como parece sempre pouco, então fazemos mais, até à exaustão. Mas o único resultado é que isso, em vez de resolver, apenas faz aumentar o grito. Então começamos a notar que, talvez, antes de continuar neste turbilhão é necessário compreender, é necessário julgar, compreender o que foi que se manifestou num dado momento da nossa vida na relação mais bela e mais verdadeira que tivemos (com os nossos pais), para nos ajudarmos a tomar verdadeiramente consciência de nós, a compreender a fundo o que está nos acontecendo. Porque se não entenderem isto, não o resolvem, simplesmente reproduzem de outras maneiras, de mil maneiras. Portanto, trata-se de tomar consciência de si, é um problema de autoconsciência. Como é que Dom Giussani define esta autoconsciência, ou seja, esta consciência de si? A autoconsciência é “uma percepção clara e amorosa de si [tenho que esclarecer o que eu sou para poder ter esse amor por mim], cheia de consciência do próprio destino e, por consequência, capaz de verdadeira afeição a si [porque só compreendendo isto poderemos ter esta afeição]” (L. Giussani, “Chegou o tempo da pessoa”, op.cit., p. 12).

Então, o que aconteceu? Em certo momento da nossa evolução se manifestou a estrutura última do nosso eu: todo o desejo para o qual fomos feitos, todo o desejo com que fomos criados se tornou consciente em todo o seu alcance num determinado momento da nossa vida. Por isso, se uma pessoa compreende que nada lhe basta, compreende porque se alargou definitivamente toda a expectativa do coração, toda a capacidade de realização para a qual fomos feitos, toda a grandeza do destino da vida. Quando uma pessoa entende isso – diz Dom Giussani –, este é “o momento do Outro [com a O maiúsculo], verdadeiro, permanente, pelo qual somos constituídos, pela presença inexorável e sem rosto, inefável” (L. Giussani, “Chegou o tempo da pessoa”, op.cit., p. 12). Ou nós nos damos conta disto, ou substituímos constantemente os pais por outra presença, porque não nos damos conta que nesse momento se manifestou explicitamente quem eu sou, que eu sou feito para este Outro. Sem nos darmos conta disto não saímos da adolescência, porque nunca damos o passo para o reconhecimento deste Outro, um Outro inefável que ainda não conheço, sem rosto, não sei identificar as feições deste Outro para o qual sou constantemente lançado, para quem tende todo o meu eu. Enquanto preparava a minha intervenção, um amigo me indicou um artigo de um jornal de hoje, o *La Repubblica*, onde, descrevendo a situação dos jovens, se diz que “a adolescência parece não ter fim” (“Adolescenza infinita”, de Massimo Recalcati). Uma vez que não compreendemos, então os pais são constantemente substituídos por outra coisa. Por isso, que grande amigo é Dom Giussani quando nos diz: olhem, meninos, que “a juventude é o tempo do Tu [com T maiúsculo] em que o coração mergulha impotente, como num abismo, é o tempo de Deus” (L. Giussani, “Chegou o tempo da pessoa”, op.cit., p. 12).

Sem o reconhecimento do Tu, sem o reconhecimento deste Outro para quem a minha vida é feita, não se pode ter ternura por si mesmo, afeição a si, e é por isso que nos atrapalhamos cada vez mais, nos confundimos cada vez mais. Porque neste momento o Mistério, que faz vibrar – como eu tinha dito a vocês na mensagem de Páscoa – todo o desejo de vocês, lhes faz entender que na nossa vida urge dentro um mistério, e então compreendemos que somos feitos para um destino. E o que quer dizer que o homem é feito para esse destino, que tem a noção do destino? Que você, assim como eu, percebe com uma dinâmica, com um impulso irreversível para um horizonte ilimitado que não consegue jamais alcançar definitivamente, mas é um ideal de felicidade, de verdade, de justiça, de belo, de bom, cujas margens não se conseguem tocar, um poderoso dinamismo que não me dá trégua e me empurra para uma meta desconhecida, para uma margem que está mais além de tudo o que vejo, que está mais além de tudo o que toco, mais além de tudo o que faço; por isso, mesmo o entrar num turbilhão de coisas para fazer não me satisfaz. Se nós não compreendemos isto, não nos compreendemos nem compreendemos por que motivo

nada nos satisfaz: porque você cresceu, porque o seu eu é maior, porque a certa altura, evoluindo a sua biologia, a sua fisiologia e todo o seu ser, veio à tona, veio à superfície tudo aquilo para que você foi feito. É aquilo que Jesus havia resumido na frase do Evangelho: “Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e depois perder a si mesmo? Ou o que poderá o homem dar em troca de sua vida?” (cf. *Mt* 16,26). Esta será a pergunta que todos os homens em qualquer latitude, em qualquer época da história terão de reconhecer em si, porque é a que melhor descreve o que sentimos vibrar dentro de nós. Mas que importa que eu ganhe tudo, que eu me meta neste turbilhão de coisas, que eu faça tudo, se isso não me satisfaz e me faz perder a mim próprio, me faz perder aquela plenitude para a qual sou feito?

Amigos, quanta violência contra tudo e contra todos se introduz na vida quando não se entende isto, porque então me irrita primeiro com a mãe, depois com os amigos, depois com o namorado, depois comigo mesmo e por fim me irrita com tudo... “Em vez de afeição a si mesmo – diz Giussani – ressentimento”. Fico ressentido com tudo. Não é o máximo da vida. Por isso nos interessa compreender o que está acontecendo em nós. Pois o fato de que a vida tem um destino é tão evidente, como se manifesta também no diálogo contido no convite para este gesto, que todos têm. “Você alguma vez pensa no futuro?” [Por que haveríamos de pensar no futuro? Porque não podemos evitar pensar no futuro, tanto urge dentro de nós o destino para que somos feitos. Por isso, a resposta é a que todos vocês têm...] “Oh, sim... Sempre” [penso no destino, penso sempre no futuro], “E o que você gostaria de ser quando crescer?”. “Escandalosamente feliz!”.

Por isso eu compreendo que os nossos amigos de Bolzano ao lerem esta tirinha dos *Peanuts* tenham pensado: “Nós também queremos ser escandalosamente felizes”. Mas logo se perguntam: “Será que somos? Não. Ou melhor, nas férias ou no acampamento de verão parece possível, em certos momentos parece estar ao alcance das mãos, mas, pensando na escola, parece uma utopia. O problema é que a escola existe e temos de enfrentá-la todos os dias – dizem –; que bom seria poder fazer também na escola a mesma experiência que vivemos nestas ocasiões”. Quem não desejaria isto? Portanto, a questão ficou em aberto e convidaram todos – professores, alunos, diretores – para uma assembleia em que se colocasse esta pergunta: é possível ser “escandalosamente feliz” na escola?

Uma de vocês escreve: “A urgência que eu sinto mais forte neste período é entender o que quer dizer que tudo é vocação. Neste período, existem muitos problemas na minha casa e nisso eu tenho muito dificuldade em ver uma possibilidade de relação com o Mistério, mas também é verdade que tenho intuído que é precisamente nessa dificuldade que há uma possibilidade de descobrir algo grande. Portanto, como faço para não me deixar esmagar pelas circunstâncias?”

Como posso encarar este mal sem medo, mas como uma possibilidade? Parece que em muitas ocasiões a escola, os problemas em casa, as circunstâncias, se convertem num obstáculo para alcançar essa felicidade a que ‘escandalosamente’ aspiramos. Por quê? Porque não nos damos conta de que não podemos caminhar para o destino, para a felicidade, a não ser através das circunstâncias. As circunstâncias nos introduzem na vida, mas em muitas ocasiões parecem adversas, hostis, contrárias ao nosso desejo de realização; por isso é fundamental compreender qual é o sentido das circunstâncias. Serão realmente um obstáculo ou, como diz esta amiga, são uma possibilidade?

De novo Dom Giussani nos ajuda a entender qual é o sentido destas circunstâncias que temos de enfrentar no caminho para o destino, no caminho para a felicidade, o que as circunstâncias têm a ver com o nosso caminho para o destino. E Dom Giussani começa dizendo: “Na vida dos que Ele chama, Deus não permite que aconteça nada que não seja para a maturidade, para o amadurecimento daqueles que Ele chamou” (L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”, *Passos*, n. 3/2008, p. I). Ou seja, tudo o que acontece o Senhor o permite para que nos tornemos maduros; aliás, Deus não permite – jamais! – que aconteça nada que não seja para o nosso amadurecimento. E o teste no qual podemos verificar se estamos nos tornando verdadeiramente maduros é se aumenta em nós a capacidade de fazer com que cada objeção, cada dificuldade, cada obstáculo, e até mesmo cada perseguição possam se tornar instrumento, ocasião, possibilidade da nossa maturidade. Porque é esta luta – que as circunstâncias introduzem na vida – que nos faz estar despertos, que nos redesperta constantemente, “ou seja, amadurece em nós a noção daquilo que é a nossa consistência ou a nossa dignidade, que é um Outro” (L. Giussani, *Certi de alcune grandi cose. 1979-1981*, Bur, Milão 2007, p. 389). Ou seja, tudo o que nos acontece na vida, como vimos na relação com os nossos pais, é para compreender que a nossa consistência, a nossa possibilidade de realização está neste Outro. É isso a autoconsciência, quer dizer – como dizíamos antes – uma percepção clara e amorosa de si, cheia da consciência do próprio destino e capaz de uma verdadeira afeição por si mesmo.

2. Quais são os elementos desta autoconsciência e o que tem a ver com as circunstâncias?

O Papa nos deu uma belíssima contribuição, quando nos recordou isto na mensagem que enviou este ano ao Meeting de Rímíni, que tinha por título, como todos sabem, “A natureza do homem é relacionamento com o infinito”. Qual é o primeiro elemento desta nossa autoconsciência? Qual é o primeiro dado?

a) Dependência originária: “Feitos”

Nós somos feitos. O Papa diz: “Falar do homem e do seu anseio de infinito significa antes de tudo reconhecer a sua relação constitutiva com o Criador. O homem é criatura de Deus”. E, portanto, o “primeiro dado [que define a identidade do homem] é a dependência originária [...] d’Aquele que nos quis e nos criou. Mas esta dependência [por vezes] [...] ao homem moderno e contemporâneo [parece uma coisa contrária a si, ao passo que, em vez disso] revela [precisamente] a grandeza [...] do homem” (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012). Mas nós devemos ver como as circunstâncias nos ajudam a nos dar conta do valor que têm estas coisas que nós sabemos, porque não há nada mais evidente que o fato de não nos darmos a vida a nós mesmos. Acho que tomar consciência daquilo que cantamos no início, um canto que muitos conhecemos – *O meu rosto* –, poderia nos ajudar. Vamos ver com atenção as palavras do canto: “Deus, pra mim olho e eis que descubro: / não tenho rosto; / olho no fundo e vejo o escuro / que não tem fim”. Quantas vezes isto aconteceu conosco, estar justamente na escuridão?

Para muitos de nós isto poderia ser mais uma ocasião de confusão; pelo contrário, como assim não estamos bem, estamos incomodados – porque o homem não é feito para a escuridão –, não nos damos paz. Mas o que cada um faz? Vejam o que fazem quando estão na escuridão: muitas vezes nos colocamos em um turbilhão frenético de coisas, tentando sair da escuridão; ao invés o canto diz: “E só quando percebo que Tu és, / [que Tu, com maiúscula, que Tu és] como um eco eu ouço a minha voz / e renasço” (A. Mascagni, *O meu rosto*). E assim descubro que a escuridão é a ocasião, se eu não parar na aparência, mas olhar a escuridão até o fundo, para me dar conta de que Tu és. Então você não está sozinho, não está sozinho. Começa a surgir aos nossos olhos uma presença que nos constitui de tal modo que começa a nos dar a possibilidade – quando nós a reconhecemos – de renascer, de uma afeição verdadeira a si mesmo, de uma capacidade de nos querer bem. De fato, só quando chego a reconhecer que Tu és, eu renasço. Perguntem-se quantas vezes fizeram este percurso e quantas vezes, pelo contrário, quando chegamos à escuridão, nos debatemos de muitas formas tentando agarrar-nos a outra coisa qualquer. Por isso eu pensei: quem poderia hoje compor um canto assim? Um canto como este foi feito por uma jovem de 17 anos, muitos anos atrás.

Diante da escuridão, como ainda não compreendemos o que aconteceu com a mãe, nem que a juventude é o tempo do Tu, e que esta escuridão me é dada justamente para eu me dar conta deste Tu, na maioria das vezes não estamos em paz. Em vez disso, que tipo de autoconsciência de si, que capacidade de afeição por si não ganharia todas as vezes se, em vez de debater-se, de sair

em busca de qualquer coisa a qual se agarrar, olhasse para o fundo de si, até reconhecer esse Tu misterioso que te constitui. Que graça poder reconhecer a minha dependência originária deste Tu! Então é como se aquilo que sabemos – que a vida não é dada por nós, que eu sou um Tu que me faz agora – o tivéssemos de reconquistar diante de todas as escuridões, diante de todas as insatisfações, diante de todos os incômodos, diante de todas as circunstâncias. Não sei como vocês se arranjam para viver as circunstâncias sem fazer este trabalho, porque eu não conseguiria; eu estou constantemente diante de todos os desafios que, como a vocês, não me são poupados: mas eu quem sou? Sou aquilo que sinto agora? Sou aquilo que dizem os outros, os seus ataques? Ou eu sou, exatamente agora, Tu que me fazes? Isto permite ao homem começar a construir, porque o homem para se completar, para se realizar, para viver, para se suportar, para se amar, precisa reconhecer um Outro. E a liberdade é essa capacidade que cada um tem de aderir ao relacionamento que realiza a própria vida.

Assim uma pessoa descobre que esta dependência originária, este primeiro dado da nossa autoconsciência, constitui a verdade de si mesma: somos fruto de um amor, de um ato de amor de Deus e nenhum erro, nenhuma distração, nenhuma circunstância, nenhum sofrimento, nenhuma escuridão pode eliminar o fato de que eu agora existo. E se eu existo, o Mistério que me faz agora está gritando pelo próprio fato de existir: “Tu és um ato de amor meu, tu és feito para mim agora, tu és feito à minha imagem e semelhança”. E é este o fundamento da afeição a si, porque “a afeição a si – diz Dom Giussani – não pode ser motivada por *aquilo que se é* [por aquilo que conseguimos fazer (como tantas vezes pensamos neste frenesi do fazer), mas]; é motivada pelo *fato de que se é*” (*Memores Domini*, 8 de outubro de 1983, *pro manuscripto*). Como quando você descobre que está apaixonada ou apaixonado e não o quer por aquilo que o outro é, mas está contente porque ele ou ela existem, porque o outro existe, pelo fato de que existe. É a surpresa de si e do outro como um dom, como graça; é a surpresa de que o outro existe e de que eu me dei conta disso.

Se a primeira coisa que Deus faz é te amar, qual é a imitação mais imediata de Deus? A imitação de Deus é a surpresa de se amar, de se querer; se uma pessoa não tem amor, se uma pessoa não tem ternura por si mesma, não imita a Deus em nada. E se uma pessoa não imita a Deus no amar, não pode imitar a Deus em nada, porque a primeira coisa fundamental com que Deus se revela ao homem é que o fez à Sua imagem e semelhança. A primeira semelhança com Deus é se amar, porque a primeira coisa que Deus faz é te amar. Sem reconhecer isso, nós não somos capazes de nos amar e por isso nos maltratamos, por isso nos batemos, por isso somos tão implacáveis contra nós próprios.

“Caríssimo padre Carrón, escrevo com o coração carregado de gratidão porque é mesmo verdade que a vida recomeça quando a pessoa está segura de que é amada e querida. Eu vivi um momento muito difícil, sofria de anorexia, que não era outra coisa senão a manifestação de um grande mal-estar que vivia em relação a mim mesma, que me tornava incapaz de ser eu própria também com as pessoas de quem mais gostava. Num particular momento de crise fui falar com um amigo e, diante do relato das minhas dificuldades, ele me propôs um trabalho: pedir todos os dias a Deus a certeza de que eu era amada e querida tal como sou. Recordo aquele dia como se fosse hoje, porque a partir daí a minha vida renasceu. Parece quase inacreditável que, pelo fato de eu reconhecer Outro e de começar a perceber esse olhar em relação a mim, a vida renasça [É assim! Cada um pode decidir o que fazer destas coisas: verificá-las ou continuar a ficar ressentido consigo mesmo e com tudo]. Mas não renasceu por eu não ter tido mais problemas, mas porque tinha finalmente uma hipótese [vejam: ainda nem sequer a solução, mas uma hipótese], uma hipótese que me permitia estar diante de tudo [esta é a hipótese que lhe oferecemos hoje, no início de um ano, para que todas as circunstâncias, da escola aos relacionamentos e às dificuldades, possam construir a vida, não sejam percebidas por você como adversas, como contrárias à vida, porque não são contrárias: são feitas para você, para a sua maturidade, para que você entenda que se pode renascer e que tudo – em vez de obstáculo – se pode converter em tijolo para uma construção de si. Diga-me onde é que lhe oferecem uma hipótese como esta para viver]. E com esta hipótese se começa o trabalho, e neste trabalho quotidiano de mendigar a Deus essa certeza de um bem para a minha vida, até os problemas que me pareciam insuperáveis – diz – se vão aos poucos desvanecendo. Portanto, obrigada por me ter mostrado este ponto tão decisivo”.

Mas será possível – perguntamo-nos –, será possível que, desejando tanto assim, a vida se possa verdadeiramente realizar? É a mesma pergunta que o Papa se colocava na mensagem ao Meeting: “Será que não é estruturalmente impossível ao homem viver à altura da própria natureza? [é como nós pensamos tantas vezes; não era melhor não desejar tanto?] [...] E não seria uma condenação esse anseio de infinito que [...] [o homem] intui, mas que nunca pode satisfazê-lo totalmente?” (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade...*, op. cit.).

Sem responder a esta segunda pergunta é impossível amar a si mesmo, é impossível ter afeição por si e pela vida. Esta interrogação nos leva diretamente ao segundo elemento da nossa autoconsciência.

b) Acontecimento cristão: “Seus”

Nós somos Seus. Com efeito, a muitos de nós aconteceu outra coisa; depois de termos sido criados, aconteceu outro fato que constitui o segundo elemento da nossa autoconsciência e que responde à pergunta que por vezes nos fazemos: se um desejo tão grande de felicidade é impossível ou se é uma condenação. Para responder, o Mistério mostrou toda a sua ternura, toda a sua afeição por nós, porque nos criou para uma felicidade muito grande, porque desde o início Ele queria nos dar essa felicidade; tinha nos feito com este enorme vazio para poder preenchê-lo com a Sua presença. O Mistério, sabendo disso, o que fez? “O Infinito [...] para se fazer uma resposta que o homem possa experimentar, assumiu uma forma finita [diz o Papa]. A partir da Encarnação, do momento em que o Verbo se fez carne, ficou cancelada a impreenchível distância entre finito e infinito: o Deus eterno e infinito deixou o seu Céu e entrou no tempo, mergulhou na finitude humana” (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.), a fim de que pudéssemos experimentar que não é impossível viver à altura do nosso desejo. Por isso – diz Dom Giussani – a primeira condição para fazer conhecer o cristianismo era falar de Jesus Cristo aos discípulos e aos do tempo de Jesus? Não! Era a afeição por si mesmos, era o desejo que tinham, porque quando se aproximavam d’Ele com este desejo, com aquela fome e aquela sede (por isso diz que são bem-aventurados os que têm fome e sede), podiam reconhecer que tinha chegado, com a presença de Jesus, a resposta à fome e à sede.

E como é que cada um de nós sabe (digo *sabe*, não *sente*, não *imagina*, não *teve uma visão*, mas *sabe*!) que se passou assim mesmo, que o Infinito assumiu uma forma finita, que o Verbo se fez carne? Porque também nós, como João e André, fomos conquistados, conquistados a ponto de cada um de nós poder dizer, pôde dizer: “Nunca fui tão eu mesmo como quando Tu, Cristo, me aconteceu em um encontro”. E assim pudemos experimentar o que significa Cristo antes que com uma palavra, antes que com uma explicação, porque aconteceu, como acontece quando você se apaixona: primeiro acontece depois se dá conta e compreende o alcance. Ninguém estaria aqui se não fosse porque de algum modo lhe aconteceu ou porque viu nos outros algo que lhe despertou curiosidade e o levou a estar aqui hoje. Então, quando acontece isso a uma pessoa, quando uma pessoa começou a entender que aquele desejo pode se realizar, que nunca como “quando O encontrei fui mais eu mesmo”, é precisamente isso que permite uma verdadeira afeição por si mesmo e pela vida. Porque, sem perceber a possibilidade de realização, nós não podemos deixar de nos irritar com a vida, de pensar que é uma condenação.

O conteúdo da minha autoconsciência, o conteúdo daquilo que eu penso da vida, o sentimento de mim é que o meu eu és Tu, Cristo. Aquele que me faz ser mais eu mesmo és Tu,

Cristo. Tu és eu, Tu és o meu verdadeiro eu. É o que São Paulo resumiu para todos nós: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (*Gal 2,20*). E, a quem o descobre, isto enche de uma alegria e de uma gratidão tão desmedidas que invadem a vida toda, como nos recordou o Papa, a mesma alegria e gratidão que invadiam os primeiros cristãos. De fato, no cristianismo das origens era assim – diz o Papa –: o ser libertado das trevas, da escuridão, do andar às apalpadelas, da ignorância porque não se sabia responder às perguntas: o que eu sou? Por que sou? Por que devo seguir adiante? Ter-se tornado livre, estar na luz, poder ver com clareza as coisas na vastidão da verdade, esta era a noção fundamental: uma gratidão que irradiava à sua volta e que unia os homens na Igreja de Jesus Cristo. É a mesma gratidão que podemos encontrar hoje: “Sou uma estudante do último ano do ensino médio, e nestes últimos tempos redescobri a beleza da vida que para mim antes era completamente obscura [esta é a gratidão, que aquilo que era obscuro começa a ficar claro]. Durante vários anos, especialmente neste último, fui vagando na escuridão pensando que apostava toda a minha liberdade, sem reparar que, pelo contrário, não havia propriamente nada de livre naquilo que eu fazia. Eu estava convencida de que quanto mais experiências extremas eu fazia [entra-se cada vez mais no turbilhão das coisas, porque diz: ‘Talvez não tenha experimentado tudo, talvez não tenha feito tudo o que estava nas minhas mãos...’; até às experiências extremas] mais esperava conseguir me aproximar e saborear a felicidade que eu buscava desesperadamente. [Fatal! Se não entendemos que o desejo é do infinito, que somos feitos para o infinito, pensamos que nos safamos fazendo experiências extremas, na esperança de nos aproximarmos da felicidade]. De início parecia poder funcionar em termos de raciocínio mas depois, quando ficava sozinha [quando uma pessoa fica sozinha] a única coisa que permanecia era um sabor amargo na boca e uma profunda solidão. Neste verão vivi uma experiência dolorosa, causada pelo meu exagero. Ao chegar em casa chorei, chorei amargamente e nunca antes tinha compreendido o que queria dizer sentir as lágrimas queimar. E estava tomada pelo pânico por causa do que tinha feito, não era eu, não era o que eu queria para mim, tinha me rebaixado completamente [Não é que não saibamos o que é a verdade, podemos fingir por um tempo, mas quando ficamos a sós conosco não podemos fingir. É isso que nos salva!]. Mas naquele momento foi mais do que evidente a Sua presença na minha vida e a verdadeira necessidade que eu tinha. Destruída pelo desespero e pela vergonha que sentia pela ação que fizera, fui me confessar e chorei de alegria como nunca antes: se me perdoava até aquele ato, então não podia senão gostar de mim incondicionalmente [Compreendem de onde nasce a afeição por si mesmo que nenhum erro pode eliminar? Se não chegamos até aqui, amigos, a afeição por si é fragilíssima, basta ocorrer qualquer coisa que não se encaixe nos nossos planos ou nas nossas medidas, ou que esteja

além da nossa capacidade de assimilação, e acabou-se a afeição!]. O sofrimento que senti ainda o trago comigo, como uma ferida que arde, e o fato de arder faz com que eu me dê conta que estou viva e consciente do que aconteceu. Acho que fui agraciada através deste sofrimento e agradeço [agradeço!] que tudo isso tenha acontecido, porque senão ainda estaria tateando sem rumo. Nunca vivi como tenho vivido agora a dor e o sofrimento como um dom e o dia da minha conversão está bem gravado dentro do meu coração. Agradeço que se tenha feito presente na minha vida de uma forma tão evidente que eu definiria tangível, experimentável. Preciso desta companhia e quero segui-la para gozar ao máximo a vida pela qual estou apaixonada”.

Mas também depois de termos visto tudo isso, diante do encontro com Cristo fazemos as mesmas perguntas: é possível que com este encontro possamos enfrentar tudo, como diz esta jovem? Como escreve outro de vocês: “Depois destas férias, por graça, entre encontros e fatos imprevisíveis, surpreendentes e comoventes, depois de um verão em que o rosto de Cristo se revelou através dos amigos de sempre, mas também através de novos amigos de outras cidades, com os quais, passado pouquíssimo tempo, nasceu uma amizade realmente surpreendente, a tal ponto que não posso deixar de dizer ‘Tu a fizeste’, depois de um verão tão repleto de acontecimentos e novidade, eu me encontro voltando à escola com medo de que rotina do dia-a-dia me faça esquecer a beleza que encontrei neste verão e que o entusiasmo que tenho no coração possa decair diante das fadigas quotidianas, cedendo lugar ao tédio do previsível e do óbvio, porque é fácil reconhecer Cristo na novidade, nos encontros surpreendentes, durante as férias ou o Meeting, e ser feliz, mas será possível [esta é a nossa pergunta] reconhecer o rosto d’Ele também na fadiga da volta às aulas, do estudo, do ter de encarar colegas tão difíceis?”

A esta pergunta responde São Paulo, porque São Paulo tinha encontrado Cristo e isso para ele era de tal maneira claro que diz: tudo aquilo que eu tinha como ganho, como um valor, o fato de ter sido “circuncidado no oitavo dia [ou seja, assim que nasce já pertence ao povo de Israel], que sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus, que fui, segundo a lei, fariseu [dos mais inflexíveis no cumprimento da lei]; quanto ao zelo pela Lei, perseguidor da Igreja; quanto à justiça da Lei, irrepreensível no meu proceder. Porém [tudo isto que era o valor] aquelas coisas que eu considerara como lucro, considere-as como perdas por amor de Cristo. Sim, tudo isso tenho como perda, perante o sublime conhecimento de Jesus Cristo” (*Fil 3,5-11*). Nem mesmo a alguém assim é poupado nada, basta ler as circunstâncias que teve de enfrentar: “Cinco vezes recebi dos Judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, e passei uma noite e um dia em alto mar. Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça [os

judeus], perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos [os amigos]! Trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! [E depois] a minha preocupação quotidiana, a solicitude por todas as igrejas!” (cf. *2Cor* 11,24-28).

Mas através de tudo isso que o Senhor o fez passar, o que foi que emergiu? Por que o Senhor não o poupou? O que emergiu mais intensamente na consciência de São Paulo? Que “trazemos, porém, este tesouro [do encontro com Cristo] em vasos de barro, [somos tão frágeis] para que se veja bem que esse extraordinário poder vem de Deus e não de nós. Em tudo sofremos tribulação, mas não somos esmagados; somos cercados de dificuldades, mas não vencidos; somos perseguidos, mas não abandonados; somos abatidos, mas não aniquilados, trazendo sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. [...] Tudo, com efeito, é por amor de vós para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus” (cf. *2Cor* 4,7-10.15).

Tudo quanto nos é dado é para nós. Pensem na humanidade transbordante de gratidão de São Paulo, a quem, no entanto, nada foi poupado; e por que São Paulo está tão contente? Porque tudo o levou a ver como Cristo é forte mesmo nos dissabores, o levou a uma certeza que descreve assim: “Se Deus é por nós [se eu vi que Deus está por mim em todas as dificuldades que tive de atravessar], quem será contra nós? Ele que não poupou nem o Seu próprio Filho, mas por nós todos O entregou, como não nos dará também com Ele todas as coisas? [...] Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? [a escola?, os colegas novos?, podem ir acrescentando...] [...] Mas, de todas estas coisas saímos mais que vencedores graças Àquele que nos amou [São Paulo não chegou a esta persuasão com ‘elocubrações mentais’! Não, mas porque não lhe foi poupado nada. Em todas estas coisas viu a vitória de Cristo e, por isso,] eu estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potestades, nem a altura, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus, Nosso Senhor” (cf. *Rm* 8,31-39).

Quem de nós não desejaria ao menos um grama desta certeza de São Paulo? Por quê? Porque só uma certeza assim, só com uma certeza assim podemos desafiar qualquer circunstância, qualquer futuro, como me diz este amigo que, sem uma certeza assim, não poderia ter respondido: “Escrevo-lhe para contar o que me aconteceu nestes dias de escola. Este ano mudaram o professor de filosofia e, assim, no lugar de uma pessoa fantástica que me fez amar a matéria, me deparei com uma pessoa que é fortemente contra a Igreja. Isto me levou a sentir pouca estima por ele.

Porém, há alguns dias, diante de algumas afirmações do tipo ‘realmente, quem acredita, acredita apenas numa historieta, mais nada’ [aquilo em que acreditam: historietas!] e ainda ‘porque na realidade não há nenhuma comprovação, não há nenhuma prova de que exista um Deus’ [estes são os desafios que não nos são poupados nem a nós. Ou temos de ir todos para um convento para não nos confrontar com alguém assim ou temos de adquirir uma certeza que nos permita encarar também um professor que joga na sua cara: ‘Mas você tem alguma prova ou são apenas historietas?’]. Entendem por que motivo o Mistério não nos poupa? Porque se uma pessoa não faz a experiência disto, não sabe como responder]. Reparei que tive uma reação que não esperava: em vez de ser o pretexto para uma resposta puramente ideológica, aquelas perguntas tornaram-se um desafio que me levaram a reconfirmar a razão por que eu acredito, porque eu não posso ficar sem esta companhia. Aquilo em que acredito não é uma história, mas sim um fato que se repete continuamente na vida. Cristo para mim não é um nome e mais nada. Pensando apenas neste ano, nas férias de inverno, uma exposição que preparamos, o Tríduo pascal, as férias de verão, os dias em Varigotti, o Meeting, as amizades que nasceram, o olhar com que fui olhado todos os dias na escola, a beleza de uma excursão que fizemos a Portofino... reparei que estes fatos são para mim a comprovação na realidade e, no fim, a coisa que mais me impressionou é que diante daquelas provocações compreendi que não posso dar por óbvio nem sequer o meu professor de filosofia”.

Então, último ponto.

3. A vida como vocação

O Papa, depois de falar da Encarnação, de como o Mistério venceu esta distância, diz: “A partir da Encarnação [...] nada é banal ou insignificante no caminho da vida e do mundo [...] [é impressionante como prossegue o Papa]. Descobrimos, então, a dimensão mais verdadeira da existência humana, aquela que o Servo de Deus Luigi Giussani chamava continuamente de a vida como vocação” (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.). O que Dom Giussani dizia? “Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias [sublinhem isto: através das circunstâncias] pelas quais o Senhor nos faz passar, respondendo a elas” (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, Lisboa, Diel, 2003, p. 67). Não é que por existirem as circunstâncias não podemos tender para o destino, para o Mistério, e que estas sejam um obstáculo, porque se fossem um obstáculo impossível de vencer, significaria que nós não podemos chegar. Não, não, não! Nós podemos chegar, mas só através das circunstâncias. Por isso o Papa diz: “Cada coisa, cada relacionamento, cada alegria, como também cada dificuldade, encontra a sua razão última em ser ocasião de relação com o Infinito, voz de

Deus que continuamente nos chama e nos convida a levantar o olhar, a descobrir na adesão a Ele a realização plena da nossa humanidade” (Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting para a Amizade entre os Povos*, op. cit.).

As circunstâncias são a voz de Deus, são a modalidade através da qual o Mistério nos chama a erguer o olhar; não são um obstáculo, não são adversas, são a modalidade através da qual o Mistério nos chama a reconhecer quem Ele é e quem somos nós, como vemos no caso de São Paulo, para quem todas as circunstâncias não foram um obstáculo, mas sim a ocasião para alcançar uma certeza que, sem tê-las atravessado, nunca teria sequer sonhado. Portanto, “a vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino nos faz passar” (L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, op. cit., p. 67), porque nada mais é banal e insignificante e cada coisa adquire esta possibilidade de nos chamar à autoconsciência de termos sido feitos e de sermos Seus. A vida de São Paulo documenta que tudo quanto nos é dado, nos é dado para a nossa maturidade, nos é dado para crescer nesta autoconsciência.

Por isso, amigos, este é o tempo da pessoa, o tempo de cada um de nós, porque Ele pode nos chamar como nos chama e cada um é forçado a responder. Não responder já é uma resposta negativa. Só entrando constantemente na vida com esta hipótese podemos ver o que é Cristo em ação. E assim podemos ver como Cristo vence, podemos ver a vitória de Cristo. Mas, atenção, o fato de que “nós somos mais que vencedores” não quer dizer que as coisas aconteçam segundo as nossas imagens; vencedores quer dizer ver a vitória de Cristo mesmo quando somos aparentemente derrotados, como aquele rapaz que talvez não consiga convencer o professor de filosofia, mas o professor de filosofia não vence mais nele. Vencedores significa estar transbordantes da Sua presença, estar tão agradecidos por aquilo que nos aconteceu que ninguém pode nos vencer. Diante de testemunhas como São Paulo podemos ver o que Cristo pode se tornar para nós, de tal maneira que, também nas circunstâncias mais prementes, o conteúdo da nossa autoconsciência seja cada vez mais Cristo e os fatos que o documentam de modo tão evidente que nos deixam sem palavras: “Quem és Tu, Cristo?”.

O sinal mais evidente de que Cristo se tornou verdadeiramente presente na vida é que ficamos sem palavras. O silêncio cristão nasce do estupor de ver Cristo em ação, “e a Sua presença me enche de silêncio”; um silêncio cheio da memória de Cristo. Não é um silêncio vazio, mas um silêncio cheio da Sua presença, à qual nós devemos dar tempo; e se nós não dermos tempo à memória de Cristo, a recuperar constantemente a consciência d’Ele e de nós, o poder já venceu, porque significa que o conteúdo da nossa consciência é determinado pelo poder, seja qual

for esse poder. Por isso devemos pedir e desejar que a nossa vida se encha deste silêncio, porque é sinal de que a Sua presença começa a se tornar familiar em nós. E assim podemos entrar em qualquer batalha, como o cego de nascença. Depois de tê-lo curado, Jesus não disse ao cego de nascença: “Agora, para não correr riscos, para evitar que a sua fé possa ficar em perigo, vou lhe mandar para um convento!” Não. Ele o atira na multidão com o que lhe aconteceu, com uma certeza: que antes não via e agora vê. E com isso o cego “superou” todos.

Se tivermos esta certeza, se trouxermos no olhar, como o cego curado por Jesus, esta certeza, se vivermos desta autoconsciência, então poderemos verificar que também no dia-a-dia da escola podemos ser “escandalosamente felizes”.